

AS RELAÇÕES ENTRE AS TEORIAS LINGÜÍSTICAS E A PRÁTICA NA ALFABETIZAÇÃO

Meire Cristina Costa Ruggeri¹ – meireruggeri@hotmail.com
Ewerton de Freitas Ignácio² – ewertondefreitas@uol.com.br

Introdução

O presente artigo visa refletir sobre a atuação dos professores alfabetizadores, de acordo com os pressupostos lingüísticos estabelecidos pelos PCNs. A questão central a pesquisar é se a formação do professor alfabetizador é relevante para uma alfabetização eficaz para os alunos, levando em consideração a contribuição da lingüística nesse processo. Sabe-se que as crianças vêm à escola e são introduzidas em classes de alfabetização aos seis anos, muitas vezes apresentando grande desinteresse diante dos métodos e recursos por vezes obsoletos empregados pelos alfabetizadores. Vários dos vícios, omissões e despreparo do alfabetizador em lidar com essas situações, possivelmente podem ser combatidos se empregados os princípios da lingüística relacionados à alfabetização.

Revisão de Literatura

Segundo Vygotsky (2007) existe um entusiasmo unilateral pela mecânica da escrita. Ensina-se a escrever como se ensinar a adquirir uma habilidade motora, como andar de bicicleta ou tocar um instrumento musical. Porém, escrever requer a compreensão do desenvolvimento do processo da linguagem escrita, com suas implicações sociais e socioculturais. A língua escrita é formada por um complexo sistema de signos que compõem os símbolos e os sons das palavras. O ensino de tal processo, não pode ser efetuado de maneira mecânica e externo; esse processo requer pleno desenvolvimento das funções comportamentais complexas e do desenvolvimento dos signos nas crianças, conforme enfatiza o próprio Vygotsky quando explica que as linguagens estabelecem as mediações entre o aprendiz e o conhecimento em todas as áreas, bem como sobre a situação que o conhecimento foi produzido e as novas perspectivas de utilização do mesmo. Dessa forma, a linguagem escrita não pode ficar artificial, sem função social e por vezes sem significado para o aprendiz, conforme enfoque dado por Wallon (2007, p. 152-153).

Logo, porém, o ciclo se rompe pela necessidade sugerida ou espontânea de dar aos traços uma significação... Depois a criança compõe seu desenho seguindo um tema, mas com elementos bem mais convencionais do que imitativos: é daí que vem o que chamaram de seu realismo intelectual por oposição ao realismo visual. Essa intuição da figuração gráfica pode então ser utilizada em proveito da escrita convencional. A

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS
13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

tradução dos sons em traços não criou, mas suponha a aptidão e as experiências gráficas.

Com o desenvolvimento da escrita, surge conseqüentemente a habilidade de compreender o que se escreve: a leitura. Cagliari (1998 p.130) destaca que “a maioria do que se deve apreender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma”. Destacamos que a formação de leitores eficazes perpassa pela efetiva aquisição da linguagem escrita.

Para tanto, é necessário que a criança, desde seu contato inicial com a linguagem, viva a experiência de reproduzir essa linguagem escrita, conforme assinala os parâmetros curriculares Nacionais:

é necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar com a escrita da linguagem os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e as restrições ortográficos como com a linguagem escrita os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. Para tanto, tão logo o aluno chegue à escola, seja solicitado a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, a escrever como lhe foi possível, mesmo que não o faça convencionalmente (PCN-LP, 1997 p. 68).

Vários autores como Sinclair (1989), Ferreiro (1986), Teberosky (1986) e Luquet (1969) analisam a ligação entre o desenho e a escrita. Indiferenciados no início, progressivamente, segundo os autores citados, a criança vai fazendo as distinções entre eles, à medida que alcança avanços em sua capacidade representativa.

Assim, o domínio da língua escrita pode ser definido como dependente de várias habilidades cognitivas adquiridas por meio de associação de habilidades motoras e verbais. Os conhecimentos advindos da psicologia podem servir como uma ponte interdisciplinar, cujo objetivo é investigar a interligação entre o desenvolvimento do pensamento entre o desenvolvimento da linguagem. Desse modo, a escrita passa a ser vista como um código de representação, em vez de um código de transcrição, tornando-se uma conquista do processo de desenvolvimento.

Por isso, a escrita precisa ser compreendida como um modo de representação da linguagem e não como um simples código de transcrição (SEBER, 2009).

Cagliari (2009), no entanto, acredita que diante do grande número de repetição e evasão escolar, a escola deveria se preocupar mais com a leitura do que com a escrita, pois ler é mais fácil do que escrever.

Assim sendo, com o desenvolvimento da leitura, a criança passa a ter outra forma de contato com a escrita, o que segundo o autor poderia facilitar a própria aprendizagem da forma ortográfica. Por isso, a leitura pode preceder a escrita, uma vez que a criança, ao aprender a ler adquire mecanismos que a permite solucionar os problemas com a aprendizagem da escrita.

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

Ao analisar os conhecimentos linguísticos no processo de aquisição da língua escrita, vale salientar que a linguística, tem por objetivo a compreensão da língua voltada para a explicação de como a linguagem humana funciona, e não é uma fórmula para se ensinar.

O conhecimento, conforme cita Cagliari (2009), precisa fazer parte do trabalho pedagógico de qualquer professor, que precisa ser um conhecedor profundo de seu trabalho para que possa desempenhá-lo, independente de sua área de atuação.

Ao analisar que o índice de reprovação nas séries iniciais oscila em torno de 50% nos últimos 50 anos, no Brasil, podemos afirmar que o fracasso da escola é o fracasso da alfabetização (Kramer, 2010), por isso buscar conhecimentos por meio da ciência da linguagem, a linguística, pode ser um caminho eficaz para uma mudança de paradigmas na concepção metodológica do trabalho do professor alfabetizador.

Para Feldman (2001, p. 87):

Hoje em dia, se aceita que, para melhorar a prática, é necessário algum componente reflexivo e a revisão dos princípios de ação mediante um exame da prática realizada com certa autonomia a respeito das urgências da ação. Para Schon, que diferencia “conhecimento na ação”, “reflexão na ação” e “reflexão sobre a ação”, requer-se um conhecimento de terceira ordem que implica uma metarreflexão sobre o conhecimento sobre o conhecimento envolvido na ação e uma reflexão sobre ela.

Portanto, cabe ao professor realizar seu trabalho equipando o aluno para viver melhor a sociedade do conhecimento. Vale salientar que a predominância da difusão e dados de informação existente até hoje não é difusão de conhecimento, tornando imprescindível o trabalho do professor-mediador.

Metodologia

O presente texto foi escrito a partir de pesquisa documental e bibliográfica, mediado pelo professor orientador. Para Severino (2007), a pesquisa documental tem como fontes documentos, em sentido amplo (jornais, revistas, fotos, filmes, etc.). Ainda segundo Severino (2007), a pesquisa bibliográfica se faz mediante os registros oriundos das pesquisas anteriores, relacionadas ao assunto.

Conclusão

A alfabetização é o momento mais importante na formação de um indivíduo, por isso garantir a plena aquisição da linguagem escrita é um desafio para o qual os conhecimentos

II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS
X SIMPÓSIO DE EDUCAÇÃO, MODERNIDADE E CIDADANIA
X SEMINÁRIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS

13 a 17 de maio de 2013

COMUNICAÇÃO ORAL

lingüísticos podem ser um caminho na interpretação e busca de soluções de problemas técnicos relativos à fala, a escrita e a leitura das crianças em processo de alfabetização.

Assim sendo, despertar o interesse dos educadores para a necessidade de conhecer e considerar na sua prática escolar todos os fatores envolvidos no processo de alfabetização torna-se imprescindível.

Considerando que por vezes a escola desconhece a realidade linguística da criança, bem como as questões mais importantes e básicas relativas à escrita, investir na formação do alfabetizador por meio de assessorias técnico-lingüísticas, dando-lhes suporte técnico científico tão essencial a sua prática, parece-me um caminho seguro para que se possa oferecer ao aluno aquilo que melhor sintetiza a herança da educação: A leitura torna-se ao longo do tempo, um prolongamento da escola na vida.

Referências

- ABAURRE, M. B. M, et. al. **Leitura e escrita na vida e na escola**. In: Leitura: teoria e prática. Campinas ALB, 1995.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1979.
- BAGGIO, S. L. B. **Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista a sociolinguística**. Porto Alegre, Artes Médicas.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- FELDMAN, D. **Ajudar a ensinar: relações entre didática e ensino**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FERREIRO, E. **Alfabetização em processo**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- KRAMER, S. **Alfabetização, leitura e escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, 2010.
- LUQUET, G.H. **O desenho infantil**. Porto: Minho Barcelos, 1969.
- MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais-LP**, Brasília: MEC, SEF, 1997.
- SEBER, M. da G. **A escrita infantil: o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 2009.
- SINCLAIR, H. **O desenvolvimento da escrita: avanços problemas e perspectivas**. In: FERREIRO, E. & PALACIO, M.G (orgs.). **Os processos de leitura e escrita**. Novas perspectivas. 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. cap. 5.